

A PAREDE DE PLATÃO

THE WALL OF PLATO

Isadora Santos Pereira¹

Arthur Villanova Nogueira Soares¹

Augusto Arlindo Blefari¹

Luan Ferreira Rodrigues¹

Raissa Gonçalves Galvão¹

RESUMO

O projeto *A Parede de Platão* configura-se como uma ação de extensão universitária vinculada ao Programa de Educação Tutorial (PET) do curso de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), que mobiliza o lambe-lambe como dispositivo estético-político de intervenção no espaço público. Fundamentado na *Alegoria da Caverna*, apresentada por Platão em *A República*, o projeto tem por objetivo problematizar o senso comum enquanto momento inicial do processo de construção do conhecimento filosófico, compreendendo-o como instância passível de crítica, mediação conceitual e elaboração teórica. Metodologicamente, a proposta consiste na produção e instalação de cartazes contendo questões filosóficas em áreas de ampla circulação no ambiente universitário e fora dele, de modo a incentivar a participação direta da comunidade acadêmica por meio de registros escritos nos próprios suportes. As respostas coletadas são posteriormente sistematizadas e analisadas à luz de referenciais filosóficos clássicos e contemporâneos. Ao articular filosofia, arte urbana e política, o projeto visa ampliar os espaços de circulação do pensamento filosófico, reafirmando seu caráter público, crítico e socialmente situado.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia; Arte urbana; Lambe-lambe; Senso comum; Política.

¹ Graduandos em Filosofia na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Bolsistas do Programa de Educação Tutorial (PET Institucional). E-mail: petfilosofia@ufu.br



ABSTRACT

Plato's Wall is a university extension project developed within the Tutorial Education Program (PET) of the Philosophy undergraduate course at the Federal University of Uberlândia (UFU). The project employs *lambe-lambe* street art as an aesthetic-political device for philosophical intervention in public space. Grounded in Plato's *Allegory of the Cave*, presented in *The Republic*, the initiative aims to problematize common sense as an initial moment in the process of philosophical knowledge construction, understanding it as an instance open to critique, conceptual mediation, and theoretical elaboration. Methodologically, the project consists of producing and installing posters containing philosophical questions in high-circulation areas of the university, encouraging direct participation from the academic community through written responses on the posters themselves. The collected contributions are subsequently systematized and analyzed in dialogue with classical and contemporary philosophical frameworks. By articulating philosophy, street art, rap, and politics, *Plato's Wall* seeks to expand the spaces in which philosophical thought circulates, reaffirming its public, critical, and socially situated character.

KEYWORDS: Philosophy; Street art; Lambe-lambe; Common sense; Politics.



INTRODUÇÃO

A reflexão platônica sobre o conhecimento estabelece uma distinção fundamental entre opinião (do grego *doxa*) e saber verdadeiro (do grego *epistēmē*), distinção que atravessa toda a tradição filosófica ocidental. Na *Alegoria da Caverna*, apresentada no livro VII de *A República*, Platão descreve a condição daqueles que, privados do contato com a realidade inteligível, tomam as aparências sensíveis como se fossem a totalidade do real. Essa imagem não visa apenas denunciar a limitação do senso comum, mas sobretudo indicar que o processo de conhecer é necessariamente formativo, gradual e mediato. O conhecimento não se impõe de modo imediato: ele exige deslocamento, questionamento e transformação do modo de ver.

Nesse sentido, o senso comum ocupa um lugar ambíguo na filosofia platônica. Embora esteja associado ao domínio das sombras e das opiniões, ele constitui o ponto de partida inevitável da atividade filosófica. Não se trata, portanto, de rejeitá-lo simplesmente, mas de compreendê-lo como um estágio inicial que deve ser problematizado e superado por meio da reflexão crítica. A educação (do grego *paideia*), para Platão, não consiste em transmitir conteúdos prontos, mas em orientar o olhar, conduzindo o sujeito da aparência à inteligibilidade. Essa concepção permite pensar a filosofia não apenas como um saber teórico, mas como uma prática que se desenvolve a partir da experiência cotidiana.

É a partir desse horizonte que se pode refletir sobre as possibilidades contemporâneas de atualização da metáfora da caverna. Em contextos marcados pela circulação acelerada de imagens, discursos e opiniões, as *paredes* sobre as quais as sombras são projetadas não se limitam mais ao espaço simbólico descrito por Platão, mas se manifestam no cotidiano urbano, nos meios de comunicação e nas práticas culturais. Nesse cenário, a arte urbana, ao ocupar o espaço público e interpelar diretamente os sujeitos, apresenta-se como um campo fértil para a problematização filosófica, na medida em que provoca o olhar e rompe com a naturalização das aparências.

O projeto *A Parede de Platão* emerge, assim, como uma proposta que busca tensionar a relação entre filosofia, espaço público e senso comum, valendo-se da arte urbana como meio de provocar o exercício do pensamento crítico. Ao reinscrever questões filosóficas em suportes acessíveis e cotidianos, o projeto propõe uma experiência que dialoga com a concepção platônica de educação, ao compreender o



pensamento como um processo que se inicia na opinião, mas que pode ser conduzido à reflexão conceitual. Desse modo, a iniciativa convida a repensar o lugar da filosofia hoje, não apenas como disciplina acadêmica, mas como prática pública de problematização da realidade.

DESENVOLVIMENTO

1. Filosofia Grega e o senso comum

O surgimento da filosofia na Grécia Antiga marca uma mudança significativa na maneira de compreender o mundo e a experiência humana. Ao substituir progressivamente as explicações míticas por investigações racionais, os primeiros filósofos gregos inauguraram uma forma de pensamento orientada pelo *lógos*, isto é, pela busca de fundamentos e pela argumentação crítica. Os chamados pré-socráticos procuravam identificar o princípio originário da realidade (*arché*), inaugurando uma atitude investigativa que não se contentava com explicações tradicionais, míticas ou autoritárias. Esse movimento inicial estabelece a filosofia como uma atividade de questionamento, na qual o conhecimento não é dado, mas construído por meio da reflexão.

Com Sócrates, a filosofia desloca-se da investigação da natureza para a análise da vida humana, da ética e da política². O método socrático, baseado no diálogo e na problematização das opiniões correntes, revela que muitas das certezas do senso comum carecem de fundamentação racional. Ao reconhecer a própria ignorância como ponto de partida do conhecimento, Sócrates inaugura uma concepção de filosofia que parte das crenças compartilhadas socialmente, mas busca superá-las por meio do exame crítico³. Platão, seu discípulo, sistematiza esse legado e confere à filosofia um papel central no processo educativo e na organização da vida política.

Em *A República*, Platão desenvolve uma teoria do conhecimento fundada na distinção entre opinião (*doxa*) e conhecimento verdadeiro (*epistēmē*). A *doxa* corresponde ao domínio do sensível, das aparências e das crenças não examinadas,

² Cf. Hadot, 2014, p. 60.

³ Sobre a célebre arte socrática da “maieutica”, ver Platão, 2020, 150b-151a. Sócrates alegava não produzir qualquer saber, mas ajudar no “parto” do saber alheio, avaliando o que vem à luz, com o objetivo de fazer a separação entre o verdadeiro e o falso.



enquanto a *epistēmē* diz respeito ao conhecimento racional e inteligível, alcançado por meio do exercício filosófico. Essa distinção é apresentada de maneira exemplar na *Alegoria da Caverna*, na qual Platão descreve indivíduos acorrentados desde a infância, obrigados a olhar apenas para uma parede onde veem sombras projetadas por objetos que passam atrás deles:

Depois disto- prosseguí eu- imagina a nossa natureza, relativamente à educação ou à sua falta, de acordo com a seguinte experiência. Suponhamos uns homens numa habitação subterrânea em forma de caverna, com uma entrada aberta para a luz, que se estende a todo o comprimento dessa gruta. Estão lá dentro desde a infância, algemados de pernas e pescoços, de tal maneira que só lhes é dado permanecer no mesmo lugar e olhar em frente; são incapazes de voltar a cabeça, por causa dos grilhões; serve-lhes de iluminação um fogo que se queima ao longe, numa eminência, por detrás deles; entre a fogueira e os prisioneiros há um caminho ascendente, ao longo do qual se construiu um pequeno muro, no género dos tapumes que os homens dos robertos colocam diante do público, para mostrarem as suas habilidades por cima deles. (PLATÃO, 2017, 514a-b)

Incapazes de acessar a realidade que produz tais imagens, os prisioneiros tomam as sombras como sendo o próprio real. Como afirma Platão: *“pessoas nessas condições não pensavam que a realidade fosse senão a sombra dos objectos”*. (PLATÃO, 2017, 515c)

Sendo assim, observa-se que a *Alegoria da Caverna* não tem como objetivo simplesmente denunciar o senso comum como falso ou ilusório, mas evidenciar os limites que caracterizam esse modo inicial de apreensão da realidade. As sombras vistas pelos prisioneiros não são criações arbitrárias ou enganos voluntários, mas efeitos necessários de uma posição específica no mundo, determinada pelas condições materiais e simbólicas em que os sujeitos se encontram. O que os prisioneiros veem corresponde àquilo que lhes é possível ver a partir de sua situação concreta, marcada pela imobilidade, pela ausência de contato com a luz e pela mediação das imagens projetadas.

Portanto, notamos em que o cenário em que se encontram os prisioneiros, o senso comum estabelece-se como a única forma possível e verdadeira de conhecimento. Contudo, uma vez conquistada a liberdade por aqueles que antes estavam acorrentados, aquilo que era tomado como absoluto passa a ser questionado, revelando que nosso conhecimento acerca do mundo não é imediato, mas gradual. Embora Platão não desenvolva explicitamente essa gradação do conhecimento na *Alegoria da Caverna*, ela é apresentada de modo mais sistemático em uma narrativa



que a antecede, na qual o filósofo introduz a ideia da “linha dividida”. Essa exposição é fundamental para compreendermos a importância da passagem pelo senso comum no processo de formação do conhecimento.

No seu livro VI da A República, Platão desenvolve o conceito de “A linha dividida”. Tal conceito está relacionado a um esquema que expressa a gradação dos modos de conhecimento, do menos confiável ao mais confiável, acompanhando a passagem do sensível para o inteligível. Por meio dela, Platão busca explicar não apenas os tipos de saber, mas também os processos pelos quais a alma conhece e os objetos próprios de cada forma de conhecimento.

A divisão inicial da linha separa, de um lado, o domínio do sensível, associado à opinião (dóxa), e, de outro, o domínio do inteligível, ligado ao conhecimento verdadeiro (episteme). Essa divisão tem como objetivo distinguir, de maneira geral, o conhecimento instável e pouco confiável daquele que é firme e racional. Posteriormente, cada uma dessas partes é novamente dividida, resultando em quatro níveis de conhecimento. Deste modo, Platão descreve, por meio de imagens, classificadas por graus de luminosidade, os componentes dessa linha no seguinte trecho, enumerando-os do menos luminoso ao mais luminoso. Nota-se que Platão utiliza a categoria da luminosidade para se referir à razão: quanto mais luminoso for um objeto, mais inteligível será. Doravante, analisaremos o exemplo apresentado pelo filósofo em A República:

Supõe então uma linha cortada em duas partes desiguais; corta novamente cada um dos segmentos segundo a mesma proporção, o da espécie visível e o da inteligível; e obterás, no mundo visível, segundo a sua claridade ou obscuridade relativa, uma secção, a das imagens. Chamo imagens, em primeiro lugar, às sombras; seguidamente, aos reflexos nas águas, e àqueles que se formam em todos os corpos compactos, lisos e brilhantes, e a tudo o mais que for do mesmo género, se estás a entender-me (PLATÃO, 2017, 509d-510a)

No âmbito do sensível, encontram-se os dois graus inferiores do saber. O primeiro deles é a suposição, que corresponde ao contato com imagens, sombras, reflexos e aparências. O segundo grau é a crença, frequentemente identificada com o senso comum. Nesse nível, o sujeito já lida com os objetos sensíveis concretos do mundo cotidiano, mas sem reflexão crítica. O senso comum é marcado pela aceitação espontânea das opiniões correntes, dos costumes e das crenças socialmente compartilhadas. Embora seja mais consistente do que a mera suposição, ele continua



sendo um conhecimento opinativo, pois não investiga as causas nem os fundamentos do que é tomado como verdadeiro.

O domínio do inteligível corresponde aos níveis superiores do conhecimento. No primeiro deles, o pensamento opera por meio de hipóteses, como ocorre nas ciências e na matemática. Trata-se de um saber racional, mais estável e confiável, mas que ainda parte de pressupostos não questionados. Por fim, no grau mais elevado, encontra-se a inteligência, alcançada pela dialética filosófica. Nesse nível, a alma apreende diretamente as Ideias, sobretudo a Ideia do Bem, que fundamenta todas as outras. Esse é o conhecimento plenamente verdadeiro, pois não depende dos sentidos nem de hipóteses.

A *Alegoria da Caverna*, apresentada logo após a linha dividida, funciona como uma imagem pedagógica desse mesmo percurso do conhecimento. Os prisioneiros acorrentados dentro da caverna representam os homens presos ao domínio do sensível, especialmente ao nível da suposição e do senso comum, pois tomam as sombras projetadas na parede como se fossem a realidade. A libertação de um dos prisioneiros simboliza o movimento ascendente da alma, que passa a desconfiar das aparências e inicia um processo de questionamento. Ao sair da caverna e contemplar o mundo exterior, o prisioneiro representa a passagem para o inteligível, culminando na visão do sol, que simboliza a Ideia do Bem.

Assim, a linha dividida e a alegoria da caverna expressam, por meios distintos, a mesma tese central de Platão: o conhecimento verdadeiro não se encontra no senso comum nem nas aparências sensíveis, mas exige um processo educativo gradual que conduza a alma da opinião à inteligência.

Nesse sentido, quando retomamos a *Alegoria da Caverna*, observamos que Platão sugere que o erro fundamental não reside na percepção em si, mas na absolutização dessa percepção, isto é, na crença de que aquilo que se apresenta imediatamente aos sentidos esgota a realidade. O senso comum, associado à *doxa*, não é desprovido de conteúdo, mas carece de fundamentação racional e de mediações conceituais que permitam ultrapassar o nível das aparências. As sombras possuem uma relação causal com os objetos que as produzem, o que indica que a opinião não é totalmente desvinculada da verdade, mas encontra-se em um estágio incompleto do conhecimento.



Aqui, é interessante destacar os papéis simbólicos e contrários que Platão atribui à luz e à sombra. Quando um dos prisioneiros é libertado e conduzido para fora da caverna, seu contato com a luz provoca dor e confusão, indicando que o processo de conhecer é gradual e exige esforço. O filósofo descreve esse momento ao afirmar que, ao se aproximar da luz, o indivíduo teria os olhos ofuscados e não conseguiria reconhecer aquilo que antes lhe era apresentado como verdadeiro⁴ (PLATÃO, 2017, 515c). Em vista disso, é preciso compreender a importância do processo de passagem gradual do conhecimento sensível para o inteligível, pois não se pode pular nenhuma das etapas. Com efeito, Platão explica no seguinte trecho que precisamos nos habituar gradualmente aos níveis de cognição:

Precisava de se habituar, julgo eu, se quisesse ver o mundo superior. Em primeiro lugar, olharia mais facilmente para as sombras, depois disso, para as imagens dos homens e dos outros objetos, refletidas na água, e, por último, para os próprios objetos. A partir de então, seria capaz de contemplar o que há no céu, e o próprio céu, durante a noite, olhando para a luz das estrelas e da Lua, mais facilmente do que se fosse o Sol e o seu brilho de dia. (PLATÃO, 2017, 516a-b)

Desse modo, a passagem da sombra para a luz não deve ser compreendida como uma simples substituição de um erro por uma verdade pronta, mas como um processo formativo que envolve deslocamento, esforço e reorientação do olhar. A libertação do prisioneiro simboliza a educação filosófica enquanto transformação progressiva do modo de compreender o mundo, na qual o senso comum é superado não por negação imediata, mas por meio de sua problematização crítica. Assim, a alegoria evidencia que o conhecimento filosófico nasce da experiência cotidiana, ao mesmo tempo em que aponta para a necessidade de ultrapassá-la em direção a uma compreensão mais profunda e fundamentada da realidade.

Essa concepção está diretamente ligada à noção platônica de educação (*paideia*), entendida como orientação do olhar e transformação do modo de ver. Educar não significa transmitir conteúdos prontos, mas possibilitar um deslocamento do sujeito em relação às aparências, conduzindo-o à reflexão crítica. Trata-se de um processo que possui, ao mesmo tempo, uma dimensão epistemológica e política, uma vez que a formação do pensamento crítico é condição para a participação consciente

⁴ Sobre a célebre arte socrática da “maieutica”, ver Platão, 2020, 150b-151a. Sócrates alegava não produzir qualquer saber, mas ajudar no “parto” do saber alheio, avaliando o que vem à luz, com o objetivo de fazer a separação entre o verdadeiro e o falso.

na vida coletiva. Embora situada em um contexto histórico distinto, essa problemática mantém sua atualidade em sociedades marcadas pela circulação intensa de opiniões, imagens e discursos, nas quais o senso comum continua a desempenhar papel central na construção das interpretações da realidade.

É nesse cenário que o projeto *A Parede de Platão* estabelece um diálogo com a filosofia platônica. Ao transformar as paredes da universidade em suporte para intervenções filosóficas por meio do lambe-lambe, o projeto retoma, de maneira simbólica e material, a imagem da parede da caverna. As perguntas filosóficas propostas nos cartazes convidam a comunidade acadêmica a expressar suas opiniões e percepções, tornando visível o conjunto de crenças e interpretações que compõem o senso comum. Assim como na alegoria platônica, essas manifestações não são tomadas como erros a serem eliminados, mas como pontos de partida para o exercício da reflexão.

Nesse sentido, a atualização contemporânea da problemática platônica do conhecimento exige a consideração dos espaços nos quais o senso comum se manifesta e circula socialmente. Se, na *Alegoria da Caverna*, a parede funciona como o suporte simbólico sobre o qual as sombras são projetadas e tomadas como realidade, no contexto atual as paredes do espaço urbano assumem papel análogo ao se tornarem superfícies de inscrição de discursos, imagens e opiniões. É nesse horizonte que o lambe-lambe se apresenta como um dispositivo privilegiado para a problematização filosófica no espaço público.

2. O lambe-lambe como dispositivo político no espaço público

A origem do lambe-lambe⁵ remonta às práticas de cartazagem urbana surgidas entre o final do século XIX e o início do século XX, inicialmente voltadas à divulgação de eventos culturais, como espetáculos teatrais, apresentações musicais e atividades políticas. Produzidos com materiais de baixo custo e fixados por meio de cola artesanal, esses cartazes tinham como característica principal a ampla circulação e a

⁵ Acerca da definição de *lambe-lambe* empregada neste trabalho ver em (GRAVURA CONTEMPORÂNEA, *O lambe-lambe no Brasil: uma expressão artística das ruas*, disponível em: <https://gravuracontemporanea.com.br/lambe-lambe-no-brasil/>, acesso em 18/12/2025 e também ASTRAL, Sérgio. *Lambe-Lambe Brasileiro: A poesia adesiva que pulsa nas ruas do Brasil*, disponível em: <https://www.sergioastral.com.br/lambe-lambe-brasileiro-a-poesia-adesiva-que-pulsa-nas-ruas-do-brasil>, acesso em 18/12/25).



acessibilidade, permitindo que diferentes grupos sociais se apropriassem do espaço urbano como meio de comunicação. No Brasil, o lambe-lambe consolida-se ao longo do século XX como uma prática popular, adquirindo especial relevância durante o período da ditadura militar (1964–1985)⁶, quando a censura aos meios tradicionais de comunicação impulsionou o uso de formas alternativas de expressão. Nesse contexto, o lambe-lambe tornou-se um instrumento de resistência simbólica, utilizado para divulgar eventos culturais marginalizados, denunciar injustiças e expressar críticas políticas de modo direto e efêmero.

Essa dimensão histórica confere ao lambe-lambe um caráter eminentemente político. Ao ocupar muros, paredes e postes, essa prática rompe com a ideia de neutralidade do espaço urbano e transforma a cidade em um campo de disputa simbólica. As paredes deixam de ser superfícies passivas e passam a funcionar como suportes de enunciação, nos quais diferentes vozes podem se manifestar. A efemeridade do lambe-lambe, longe de constituir uma fragilidade, revela-se uma de suas principais forças, uma vez que permite respostas rápidas aos acontecimentos sociais e favorece a circulação de mensagens críticas fora dos circuitos institucionais hegemônicos.

Sob essa perspectiva, o lambe-lambe pode ser compreendido como uma forma contemporânea de problematização da *doxa* no espaço público. Assim como, em Platão, o senso comum corresponde a um nível inicial de apreensão da realidade, marcado pelas aparências e pelas opiniões compartilhadas, as mensagens inscritas nos cartazes expressam interpretações cotidianas que refletem experiências sociais concretas. O gesto político do lambe-lambe não consiste apenas em comunicar um conteúdo, mas em provocar o olhar, interromper a rotina e convidar à reflexão crítica sobre aquilo que é frequentemente aceito sem exame.

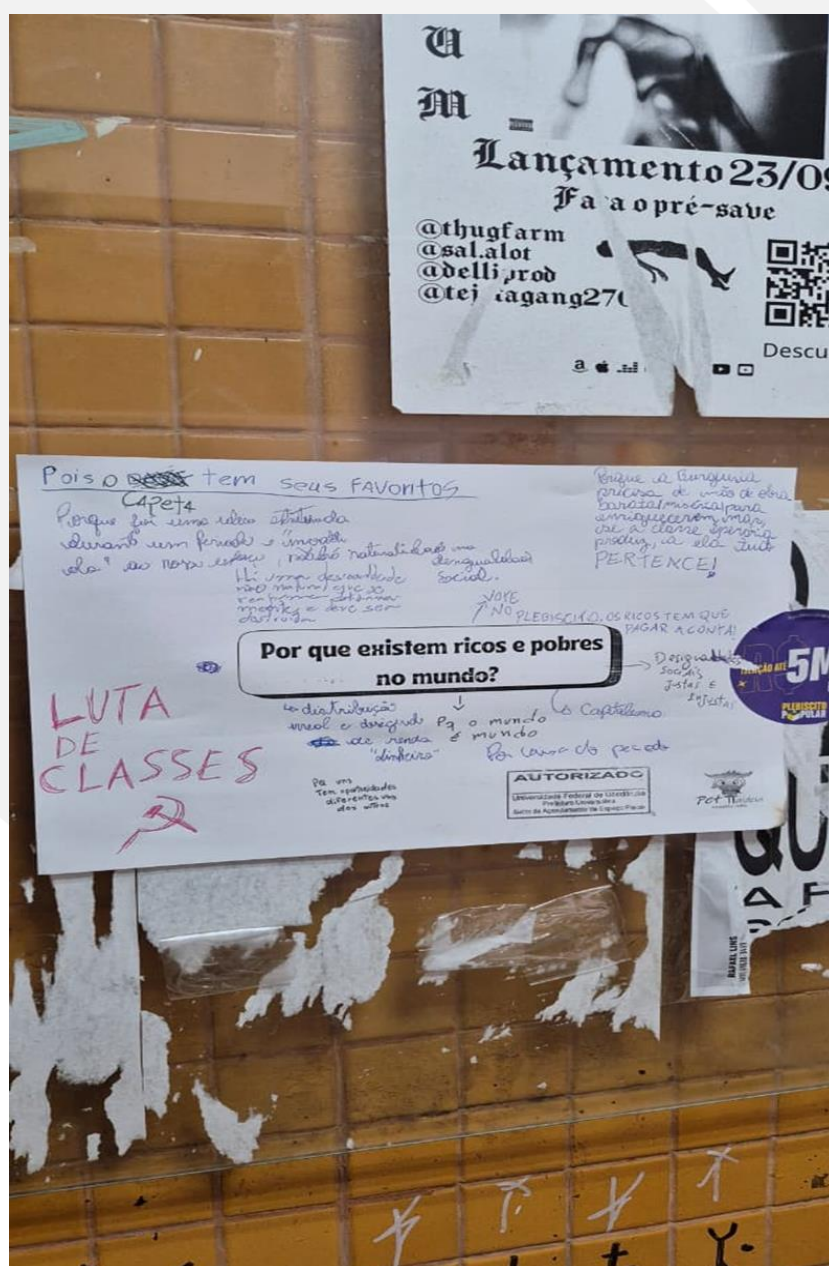
No âmbito do projeto *A Parede de Platão*, a dimensão política, filosófica e artística do lambe-lambe é mobilizada de modo consciente e articulado. Ao inserir

⁶ No contexto da ditadura militar brasileira (1964–1985), o *lambe-lambe* consolidou-se como uma forma alternativa de comunicação e intervenção urbana, utilizada para a circulação de mensagens poéticas, artísticas e políticas à margem dos meios oficiais, fortemente controlados pela censura estatal. Por sua natureza efêmera, de baixo custo e rápida disseminação no espaço público, essa prática possibilitou estratégias de resistência simbólica e contestação do regime, inscrevendo no cotidiano urbano discursos dissidentes e críticas veladas à ordem autoritária. Ver em (GRAVURA CONTEMPORÂNEA, *O lambe-lambe no Brasil: uma expressão artística das ruas*, disponível em: <https://gravuracontemporanea.com.br/lambe-lambe-no-brasil/>, acesso: 18/12/2025.



perguntas filosóficas no espaço público (ver Figura 1 e Figura 2) e convidar a comunidade a registrar suas respostas, o projeto assume o senso comum como ponto de partida do exercício filosófico. As opiniões expressas nos cartazes tornam-se visíveis, compartilháveis e passíveis de análise, funcionando como material inicial para a reflexão conceitual. Desse modo, a proposta atualiza a concepção platônica segundo a qual o conhecimento não emerge da negação imediata das aparências, mas de sua problematização progressiva. Tal como na *Alegoria da Caverna*, a parede não representa o fim do percurso, mas o suporte a partir do qual se torna possível interrogar as sombras e as condições que as produzem.

Figura 1 – Por que existem ricos e pobres no mundo?



Fonte: autoria própria



Além disso, outra dimensão política central do projeto, desenvolvida por meio do uso do lambe-lambe, consiste em afirmar que todos os sujeitos podem contribuir para a filosofia, isto é, para o exercício do pensamento filosófico, ainda que suas respostas se situem, inicialmente, no âmbito do senso comum. Ao reconhecer essas manifestações como um estágio preliminar da reflexão, o projeto rompe com a concepção elitista do saber filosófico, segundo a qual apenas especialistas ou indivíduos formalmente iniciados estariam aptos a produzir pensamento relevante. Nesse sentido, a universidade não se apresenta como um espaço fechado sobre si mesmo, mas como uma instituição aberta ao diálogo com saberes que se originam fora de seus limites formais.

A proposta reafirma, assim, o compromisso da universidade com a produção coletiva do conhecimento, entendida como um processo construído em interação com a sociedade. Ao valorizar as contribuições provenientes do cotidiano e das experiências sociais diversas, o projeto pratica uma filosofia não excludente, capaz de articular rigor conceitual e abertura ao diálogo, recusando a marginalização de saberes populares e combatendo a ideia de que a filosofia se restringe a um campo elitizado ou distante da realidade social.

3. A Parede de Platão como prática extensionista

A Resolução Nº 25/2019, do Conselho Universitário da Universidade Federal de Uberlândia, estabelece a Política de Extensão da UFU e define:

Art. 1º A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é a atividade que se integra às organizações curriculares e da pesquisa, constituindo-se em processo interdisciplinar, político, social, educacional, cultural, científico, tecnológico, que promove a interação transformadora entre a Universidade e outros setores da sociedade por meio da produção, da aplicação e do compartilhamento de conhecimentos.

A afirmação feita, anteriormente, de que todos podem contribuir com o pensamento filosófico encontra fundamento no próprio papel da extensão universitária e, de modo particular, no Programa de Educação Tutorial (PET). Ao reconhecer que as respostas situadas no âmbito do senso comum constituem um estágio inicial legítimo da reflexão, o projeto reafirma a extensão como espaço



privilegiado de interlocução entre universidade e sociedade. A universidade, assim, deixa de se configurar como um espaço fechado e autorreferente e passa a se afirmar como um ambiente aberto ao diálogo, no qual os saberes produzidos fora de seus limites institucionais não são marginalizados, mas incorporados criticamente ao processo de produção do conhecimento.

A extensão universitária, compreendida como prática dialógica e formativa, contribui para a superação de uma concepção elitista do saber acadêmico, especialmente no campo da filosofia, frequentemente associada a um conhecimento abstrato e especializado. Ao promover o encontro entre reflexão filosófica e experiências cotidianas, a extensão reinscreve a filosofia no espaço público, evidenciando seu caráter crítico, político e socialmente situado. Nesse movimento, o pensamento filosófico deixa de ser um saber restrito à academia e passa a ser entendido como uma prática coletiva, construída a partir do confronto entre diferentes perspectivas e vivências.

Com o projeto *A Parede de Platão*, a universidade não sai à rua apenas para comunicar um conteúdo e esperar que as pessoas o absorvam e avaliem-no. No referido projeto, a academia tenta atrair os olhares com perguntas incomuns, insólitas, supostamente capazes de deslocar as pessoas em relação às preocupações imediatas do cotidiano, para que pelo menos uma parte da filosofia das ruas possa aparecer para a universidade.

O PET potencializa essa dinâmica ao articular de modo indissociável ensino, pesquisa e extensão, contribuindo para a formação integral dos estudantes e para o fortalecimento do compromisso social da universidade pública. Projetos como *A Parede de Platão* (ver Figura 3) expressam de forma concreta essa articulação, ao transformar o espaço público em um lugar de diálogo e problematização, no qual o senso comum é valorizado como ponto de partida da reflexão filosófica, e não como seu limite. Desse modo, o projeto reafirma a universidade como espaço de produção conjunta do saber e a filosofia como prática viva, acessível e comprometida com a transformação social.



Figura 3 – Foto em conjunto



Fonte: autoria própria

4. Metodologia do projeto *A Parede de Platão*

A metodologia do projeto *A Parede de Platão* estrutura-se a partir da compreensão de que o exercício filosófico não se limita à elaboração teórica abstrata, mas se realiza também por meio de práticas que mobilizam o espaço público, a linguagem e a participação coletiva. Nesse sentido, o projeto adota uma abordagem qualitativa e extensionista, na qual a intervenção artística por meio do lambe-lambe constitui, simultaneamente, o meio e o objeto da reflexão filosófica.

O ponto de partida metodológico consiste no estudo e na discussão de referenciais filosóficos, com ênfase na obra de Platão, especialmente na *Alegoria da Caverna*. A partir desse embasamento teórico, são elaboradas perguntas filosóficas que buscam articular conceitos clássicos com problemáticas contemporâneas, recorrendo a uma linguagem acessível, capaz de interpelar sujeitos que não possuem formação específica em filosofia. Essa escolha metodológica reflete o compromisso do projeto com a democratização do saber filosófico e com a valorização do senso comum como momento inicial da reflexão.

As perguntas são então inseridas tanto no interior quanto no entorno do espaço universitário, por meio de intervenções em lambe-lambe, compreendidas como práticas estético-políticas que tensionam os usos tradicionais do espaço público. A participação da comunidade ocorre de maneira espontânea, a partir do registro livre

de respostas nos próprios cartazes, o que permite que diferentes vozes e perspectivas se tornem visíveis. O caráter aberto da intervenção evita a imposição de respostas corretas ou orientações prévias, preservando a dimensão experimental e dialógica do projeto.

O material produzido a partir dessas interações é posteriormente retomado pelos integrantes do projeto como objeto de análise filosófica. As respostas são interpretadas não como dados a serem mensurados, mas como expressões situadas do senso comum, que revelam modos de percepção, valores e tensões presentes na experiência social. A análise busca, assim, identificar possibilidades de aprofundamento conceitual, estabelecendo pontes entre as manifestações coletadas e os referenciais teóricos mobilizados.

Desse modo, a metodologia do projeto se caracteriza por seu caráter processual e formativo, no qual reflexão teórica, prática artística e intervenção extensionista se entrelaçam. Ao integrar estudo, ação e análise, *A Parede de Platão* reafirma a metodologia como dimensão constitutiva do próprio fazer filosófico, evidenciando que o pensamento se constrói no movimento entre experiência, questionamento e elaboração conceitual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto *A Parede de Platão* permite reafirmar a filosofia como uma prática pública, crítica e socialmente situada, ao deslocar o pensamento filosófico de seus espaços tradicionais de circulação e reinscrevê-lo no cotidiano da universidade por meio da arte urbana. Inspirado na *Alegoria da Caverna*, o projeto evidencia que o conhecimento filosófico não se constrói pela negação imediata do senso comum, mas por sua problematização progressiva, reconhecendo as opiniões compartilhadas como ponto de partida legítimo do exercício reflexivo. Nesse sentido, a parede não se apresenta como limite do pensamento, mas como o suporte inicial a partir do qual se torna possível interrogar as aparências e as condições que as produzem.

Ao mobilizar o lambe-lambe como dispositivo estético-político, o projeto reafirma a dimensão artística da filosofia, compreendida não como adorno, mas como mediação fundamental para a produção de sentido. A intervenção estética interrompe a rotina, provoca o olhar e cria fissuras no espaço cotidiano, tornando o ambiente urbano um lugar de sensibilidade e reflexão coletiva. Assim, arte, filosofia e política se



entrelaçam em uma prática que transforma o espaço público em fórum de diálogo e questionamento crítico.

Do ponto de vista político e institucional, *A Parede de Platão* contribui para o enfrentamento de concepções elitistas do saber filosófico, ao afirmar que todos os sujeitos podem participar da produção do pensamento, ainda que em estágios iniciais ligados ao senso comum. Essa perspectiva encontra respaldo no papel da extensão universitária e no Programa de Educação Tutorial (PET), que possibilitam a articulação entre ensino, pesquisa e extensão e reafirmam o compromisso social da universidade pública. Ao valorizar os saberes que emergem da experiência cotidiana, o projeto fortalece a produção coletiva do conhecimento e amplia as formas de participação no espaço acadêmico.

Por fim, o projeto evidencia que a filosofia, quando articulada a práticas extensionistas e artísticas, pode contribuir de modo significativo para a formação crítica dos estudantes e para o fortalecimento do diálogo entre universidade e sociedade. *A Parede de Platão* demonstra que o pensamento filosófico permanece atual e necessário na medida em que se dispõe a interrogar o presente, abrindo-se ao encontro com o outro e reafirmando seu papel na construção de uma esfera pública mais reflexiva, democrática e plural.

REFERÊNCIAS

HADOT, P. *O que é filosofia antiga?* Tradução de Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

PLATÃO. *Teeteto*. Tradução de Maura Iglésias e Fernando Rodrigues. São Paulo: Edições Loyola, 2020.

PLATÃO. *A República*. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2017.

ASTRAL. *Lambe-Lambe Brasileiro: a poesia adesiva que pulsa nas ruas do Brasil*. São Paulo, 6 ago. 2025. Disponível em: <https://www.sergioastral.com.br/lambe-lambe-brasileiro-a-poesia-adesiva-que-pulsa-nas-ruas-do-brasil>. Acesso em: 19 dez. 2025.

GRAVURA CONTEMPORÂNEA. *O lambe-lambe no Brasil: uma expressão artística das ruas*. [S. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://gravuracontemporanea.com.br/lambe-lambe-no-brasil/>. Acesso em: 19 dez. 2025.

